

Correlações função-forma em dois períodos do século XX: indícios de especialização funcional

Maria Alice Tavares – UFRN

Recebido 30, jun. 2006/Aprovado 28, ago. 2006

Resumo

Como resultado de seus processos de gramaticalização, os conectores *e*, *aí* e *então* possuem funções sobrepostas no português brasileiro. À luz do suporte teórico da lingüística funcional, este artigo focaliza os padrões de correlação entre *e*, *aí* e *então* e três dessas funções: *seqüenciação textual*, *seqüenciação temporal* e *introdução de efeito*. Os dados são oriundos das seguintes fontes: (i) *As vinhas da ira*, romance escrito por John Steinbeck em 1939, cuja tradução brasileira, datada de 1940, apresenta marcas do dialeto usado nos anos trinta pelas classes populares do estado do Rio Grande do Sul; (ii) 48 entrevistas provenientes do Banco de Dados VARSUL, que foram coletadas ao longo da última década do século XX. Os resultados, obtidos através de análise quantitativa, revelam que *e*, *aí* e *então* intercalam-se na codificação da seqüenciação textual, da seqüenciação temporal e da introdução de efeito na primeira e na segunda metade do século XX. Contudo, há evidências de mudanças nos padrões de correlação função-forma: na década de trinta, *aí* e *então* são muito menos utilizados para codificar algumas das funções em tela do que na década de noventa.

Palavras-chave: correlações função-forma; conectores; gramaticalização

1. Introdução

A língua se faz...: é um fazer-se num quadro de permanência e continuidade... Mas o fato de se manter parcialmente idêntica a si mesma e o fato de incorporar novas tradições é, precisamente, o que assegura a sua funcionalidade como língua e o seu caráter de objeto histórico. Um objeto histórico só o é, se é, ao mesmo tempo, permanência e sucessão. (COSERIU, 1979, p. 236)

Observem-se as seguintes ocorrências:

- (1) Aí a minha mãe: “Ah! pois é, mas eu tenho que dar baixa nessa carteira.” Aí o cara falou: “É, mas a senhora não quer nada?” E a minha mãe disse: “Quer nada o quê?” “É porque nós somos obrigados a vender um ônibus desses pra pagar ele, porque a-a carteira dele não está dando baixa, ninguém deu baixa, né?” (MC/FLP09J)¹
- (2) Mas ele insistiu e disse: “Olha, tem uma equipe de São Paulo, lá, do Professor Odair Pedroso, se for necessário nós podemos lhe mandar pra São Paulo fazer um curso.” *Então* eu disse: “Se é assim, se desejam assim, eu posso tentar, se não decepcionar.” Então eu fiquei, realmente três meses em treinamento com a equipe do Professor Odair Pedroso num- no Hospital Celso Ramos. (AC/FLP21)
- (3) Aí no que ele chegou ali, ele me convidou pra mim ouvir música com ele. Aí eu disse: “Ah, não, eu não vou, porque amanhã é outro dia, e eu, outro dia, tenho que enfrentar todo mundo: pai, mãe, tio, todo mundo, né?” Aí ele disse: “Não, mas, amanhã eu fico contigo.” Eu disse: “Ah, não.” Aí eu não sabia se eu acreditava nele, se eu ria, se eu chorava, se eu não- Eu não sabia a minha reação, não tem? (SE/FLP20)

Extraídos de narrativas orais em trechos de introdução de seqüências de discurso direto, com o verbo de elocução *dizer* no pretérito perfeito do indicativo, os dados acima ilustram o fato de que os conectores *e*, *aí* e *então* desempenham papéis similares no plano da articulação entre partes do discurso. Nesse âmbito, são freqüentemente utilizados, no português brasileiro contemporâneo, para a codificação de três funções semântico-pragmáticas em especial: *seqüenciação textual*, assinalando a ordem discursiva pela qual informações são apresentadas e desenvolvidas no texto; *seqüenciação temporal*, interligando eventos que se sucedem temporalmente; *introdução de efeito*, exibindo relações de consequência ou conclusão.² Há registros de ocorrência, em uma única fonte de dados (cf. seção 3), de *e*, *aí* e *então* na expressão dessas funções já na primeira metade do século XX, o que motivou a realização deste estudo.

Ao comparar dados da primeira e da segunda metade do século XX, pretendo analisar a distribuição de *e*, *aí* e *então* nas

¹ O código que segue o trecho da entrevista a identifica. Por exemplo, (MC/FLP09J) = informante MC, natural de Florianópolis (FLP), entrevista número 09. Nos casos em que há uma letra após o número da entrevista, podemos ter ou J = informante de 15 a 21 anos, ou C = informante de 09 a 12 anos.

² Há outros conectores que se correlacionam a uma ou mais das três funções sob enfoque, mas que foram excluídos deste estudo por serem pouco recorrentes nas amostras de dados consideradas e por não aparecem na codificação de todas essas funções. Por exemplo, *portanto* não indica seqüenciação temporal e *depois* não indica introdução de efeito (cf. TAVARES, 2003a). Já *daí* sinaliza as três funções, porém, conquanto seja bastante recorrente em algumas comunidades de fala, não o é em outras (TAVARES, 2006). *E*, *aí* e *então* expressam ainda outras funções vinculadas à articulação de partes do discurso, como a adversão, que não foi incluída neste estudo porque, diferentemente do que ocorre com as funções aqui consideradas, existem outros conectores de grande recorrência correlacionados à ela, como *mas*, *só que* e *agora*. Uma análise de correlações função-forma englobando todos os conectores adversativos do português brasileiro contemporâneo ainda está por ser levada a cabo.

funções de seqüenciação textual, seqüenciação temporal e introdução de efeito em termos de freqüência de uso, verificando se houve alterações nos padrões de correlação função-forma nesse interstício. Busco resposta para uma série de questões. Por exemplo, as especializações funcionais de cada conector permanecem estáveis ou sofrem mudança ao longo do século XX? A cada período de tempo considerado, um dos conectores destaca-se como forma codificadora preferencial de uma ou mesmo de todas as funções em causa? Ou os três conectores partilham espaço na indicação de cada uma das funções? Mudanças na correlação de um dos conectores com uma das funções acarretariam mudanças na correlação dos demais conectores com essa função, em efeito dominó?

É preciso considerar ainda que *e*, *aí* e *então*, provenientes de advérbios do latim, tornaram-se conectores através da gramaticalização (cf. BARRETO, 1999; BRAGA, 2003; MARTELOTTA, 1994; TAVARES, 1999b, 2003a; entre outros), processo de mudança que conduz itens do léxico à gramática, ou que conduz itens a ela já pertencentes a novos encargos gramaticais. Comparar correlações função-forma em diferentes épocas pode ser útil para diagnosticar estágios de gramaticalização, pois é possível tomar essas correlações como evidências ou da estabilidade ou do avanço da mudança funcional sofrida por um certo item: com o passar do tempo, ele pode ter mantido o mesmo grau de correlação com determinada função, ou pode tê-lo aumentado ou diminuído. Nesse sentido, os dados aqui considerados trazem indícios a respeito dos próximos passos a serem seguidos por *e*, *aí* e *então* em seus processos de gramaticalização?

Nas próximas seções, encontram-se considerações referentes à gramaticalização, os procedimentos metodológicos seguidos, uma descrição mais detalhada das funções sob estudo, a apresentação e a discussão dos resultados obtidos, seguindo-se as conclusões e as referências.

2. Uma questão de gramaticalização

Neste estudo, busco fundamentação no aporte teórico do funcionalismo lingüístico norte-americano, que defende que as correlações entre funções e formas estão continuamente em mobilidade devido à própria natureza da gramática, um sistema aberto, fortemente suscetível à mudança e intensamente afetado pelo uso que lhe é dado no dia-a-dia, inclusive em termos de freqüência. Ela é, nas palavras de Ford, Fox e Thompson (2003, p. 122),

[...] um conjunto vagamente organizado de memórias sobre o que as pessoas ouvem e repetem ao longo de sua vida em situações de comunicação, um conjunto de formas, padrões e práticas que surgem para servir às funções que os falantes necessitam desempenhar com maior freqüência.

Estratégias retóricas envolvendo itens lexicais e/ou gramaticais, inicialmente criativas e expressivas, tornam-se habituais por terem sido utilizadas recorrentemente em determinado tipo de contexto interacional (HOPPER, 1987). Segundo Thompson e Couper-Kuhlen (2005), tais padrões gramaticais habituais suprem a necessidade humana de seguir modos rotinizados para agir no mundo: certos tipos de ação desencadeiam certos tipos de gramática.

O movimento de rotinização gramatical é denominado gramaticalização, que pode ser definida como o processo de regularização gradativa pelo qual um item freqüentemente utilizado em contextos comunicativos particulares adquire função gramatical e pode, uma vez gramaticalizado, angariar ainda mais funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). As mudanças envolvidas na gramaticalização, tanto as morfosintáticas quanto as semântico-pragmáticas, são induzidas pelos contextos de uso das formas relevantes.

Valendo-se do termo *camadas* para referir-se a formas lingüísticas distintas utilizadas para a codificação de uma mesma função gramatical em determinada etapa histórica de uma língua, Hopper (1991) prevê que, dentro de um domínio gramatical, podem emergir, via gramaticalização, novas camadas para desempenhar funções que, em geral, já são exibidas por camadas mais antigas. Quando isso acontece, estas não são necessariamente descartadas, e podem permanecer coexistindo e interagindo com as novas, em uma situação de estratificação (*layering*), isto é, de sobreposição funcional. O autor apresenta como exemplos de camadas que convivem no mesmo plano funcional as formas do pretérito do inglês: *ablaut* (*They sang*), sufixação (*I admired it*) e construção perifrástica (*We have used it*), assim como as diversas formas de sinalização do futuro: *will*, *be going to*, *be + ing*, *be + to*, *be about to*.³

Vejam os processos de gramaticalização de *e*, *ai* e *então* no que diz respeito ao fenômeno de estratificação. *E* é proveniente do conector latino *et*, por sua vez derivado do advérbio do latim arcaico *et/eti* 'também'. *Ai*, do advérbio latino *ibi* 'nesse lugar' ou 'nesse momento', e *então*, do advérbio latino *intunc* 'nesse momento', receberam, em português, papéis adverbiais de natureza dêitica e anafórica espacial e/ou temporal, dos quais são oriundos seus usos como conectores.⁴ O conector *et* já indicava seqüenciação textual, seqüenciação temporal e introdução de efeito, funções conservadas por *e* em português. *Então* também é encontrada na indicação dessas três funções já nos primórdios da língua portuguesa (séculos XIII e XIV). Contudo, a utilização de *ai* como conector parece ser um fato bastante recente. Em um estudo anterior (TAVARES, 2003a), embora tenha perquirido cerca de quarenta textos portugueses e brasileiros de gêneros variados escritos do século ao XIII ao

³ Consoante Givón (1984), a gramática agrega domínios variados, cada um abrangendo um conjunto de formas gramaticalizadas, isto é, de uso rotinizado. Esses domínios podem corresponder a áreas funcionais gerais como TAM (tempo/ aspecto/ modalidade) ou caso, ou a áreas mais específicas, como o tempo passado, o caso nominativo, etc. As formas pertinentes a cada domínio – suas camadas – são um conjunto de elementos funcionalmente unificados, isto é, codificam o mesmo ou semelhante papel.

⁴ Tavares (2003a) traz uma análise dos vários estágios da gramaticalização de *e*, *ai* e *então* como conectores, com base em dados do latim e das várias fases da língua portuguesa, além de discutir a natureza coordenativa das funções de seqüenciação textual, seqüenciação temporal e introdução de efeito, bem como a categorização de *e*, *ai* e *então* como conectores coordenativos. Em Barreto (1999), há uma descrição da trajetória de mudança de *e/et* desde o proto-indo-europeu.

XX, só localizei ocorrências em romances brasileiros escritos a partir da primeira metade do século XX. É possível, portanto, que *aí* tenha se tornado conector apenas no português brasileiro, conclusão reforçada por resultados obtidos através de outro estudo (TAVARES, 2003b), em que comparei amostras de fala do português brasileiro e do português europeu, ambas do final da segunda metade do século XX, e não encontrei, além mar, dados de *aí* como conector. Em contraste, no português brasileiro, *e*, *aí* e *então* são recorrentemente utilizados como conectores denotadores de seqüenciação textual, seqüenciação temporal e introdução de efeito, caracterizando, portanto, casos de estratificação funcional no domínio da articulação de segmentos do discurso.

Outro efeito típico da gramaticalização é o denominado por Hopper (1991) de especialização, processo em que uma das formas estratificadas sofreria abstração e generalização de significado, passando a abarcar especificações de sentido e/ou preferências contextuais que porventura fossem manifestadas pelas demais. Desse modo, poderia assumir a totalidade ou grande parte das funções pertinentes a seu domínio gramatical, o que levaria à diminuição do uso ou mesmo à eliminação das outras formas, por terem se tornado desnecessárias. A especialização, portanto, é capaz de suavizar ou mesmo extinguir casos de estratificação funcional. Há que se considerar também a possibilidade de ocorrência de um outro tipo de especialização, que se caracteriza não por generalização, mas sim por especificação de significados. Nesse caso, cada forma seria particularizada para funções específicas em seu domínio gramatical, o que também acarretaria o fim da estratificação, embora sem levar ao desaparecimento de formas.

Quanto mais intensa for uma correlação função-forma, mais especializada estará a forma para a função, e menor será o uso de outras formas para a codificação desta. Por conseguinte, não ocorre estratificação funcional em uma situação caracterizada por correlação de 100% entre uma função e uma forma, pois há uma única forma especializada para a função em causa. Em contraste, nos casos de estratificação, diferentes graus de especialização podem ser encontrados, já que é possível que um item, embora mais recorrente na codificação de uma dada função, ainda assim tenha seu espaço partilhado com outros itens, de menor frequência. No entanto, em uma situação em que duas ou mais formas se correlacionam a uma mesma função com frequências similares, não se pode falar em especialização: as formas estariam bastante sobrepostas funcionalmente.

Consideremos um caso de especialização por generalização, o de *et*, que, segundo Coseriu (*apud* BARRETO, 1999), em uma etapa de seu processo de gramaticalização ainda no latim, partilhava funções com outros três conectores copulativos: *ac*,

atque e o enclítico *-que*. *Atque* e *ac* desempenhavam o mesmo papel, sendo que o uso de um ou outro dependia do contexto: *ac* era empregado preferencialmente antes de palavras iniciadas por consoante e *atque* antes de palavras iniciadas por vogal ou *h*, embora também pudessem ser usados em outros contextos. O uso de *et* indicava adição; o uso de *ac/atque* indicava adição e unidade, dando realce ao segundo termo em relação ao primeiro; e o uso de *-que* indicava adição, unidade e equivalência, apresentando o segundo membro como um apêndice do anterior ou como continuação ou extensão dele. A opção entre *ac* ou *-que* dependia da perspectiva resultante da união dos dois termos: caso pretendesse obter um efeito de forte união, o falante usaria *-que*: *patter materque* = *pai e mãe*; caso não pretendesse estabelecer tal equivalência, empregaria *ac* ou *atque*: *poema tenerum et moratum atque molle* = *poema fraco, arrastado e mole*. Essas nuances, entretanto, não eram sensíveis e, muitas vezes, *et* substituíva os outros conectores.

As relações entre *et*, *ac/atque* e *-que* são típicas de uma situação de estratificação, pois, embora cada conector apresentasse tendências de uso particulares (isto é, cada um possuía um certo grau de especialização funcional), tais tendências não se revelavam categóricas, mas sim preferenciais. Assim, o uso sobreposto era possível, e, em especial, *et*, de significado cada vez mais generalizado, podia facilmente ser utilizado nos contextos típicos das demais formas. Como desdobramento de seu processo de gramaticalização, *et* passou a preponderar sobre *ac/atque* e *-que*, acarretando sua eliminação. Com o desaparecimento destes conectores, as nuances de significação ligadas a seu uso deixaram de receber expressão formal específica, e foram acopladas ao conjunto de funções desempenhadas por *et*. Já na época imperial romana, *et* reinava sozinho no domínio. Chegou ao português sob a forma *e*, conservando os mesmos ou similares papéis que exibia no latim.

Podemos considerar como exemplo de especialização por especificação o caso descrito por Silva (1996), envolvendo os pronomes possessivos *seu/sua* e *dele/dela* no português brasileiro. Por volta do século XVIII, a forma *você* emergiu como pronome pessoal, derivado de um processo de gramaticalização que partiu do pronome de tratamento *Vossa Mercê*. *Você* denota a 2ª pessoa do singular, mas, de acordo com a norma canônica, concorda morfológicamente com a 3ª pessoa gramatical (*Você come*). Uma das conseqüências desse fato é que a forma *seu/sua*, possessivo correspondente à 3ª pessoa do singular *ele/ela*, passou a corresponder também a *você*, gerando casos de ambigüidade, como em “Joana, vi Stella beijando seu namorado”, que pode significar que o namorado é de Joana ou de Stella. Para resolver essa ambigüidade, há várias estratégias, entre as quais a utilização do genitivo *dele/dela* para a referência à 3ª pessoa (“Joana, vi Stella

beijando o namorado dela”), principalmente na língua oral. Configura-se, portanto, um fenômeno de estratificação envolvendo *seu/sua* e *dele/dela* como camadas na expressão do possessivo de 3ª pessoa. Nesse papel, conforme apontado por Silva, houve, na oralidade, um aumento da frequência de ocorrência de *dele/dela* – de 75% na década de 70 para 91,6% na década de 80, resultado que mostra que esta forma está altamente especializada para a 3ª pessoa do singular, ao passo que *seu/sua* tem sido reservado para a 2ª pessoa (*você*).

A análise de correlações função-forma em um domínio gramatical somente será completa se forem levadas em conta todas as formas relevantes, porquanto é o uso dado a cada uma delas que define os rumos do domínio como um todo. Como sublinham Hopper e Traugott (1993), a gramaticalização de um determinado item nunca ocorre isoladamente. O percurso de mudança de uma forma depende das trajetórias seguidas por outras formas: sem a consideração do conjunto dos usos, provavelmente passaria despercebido se – e em que grau – o aumento de recorrência de uma das formas tem levado as demais a se deslocarem rumo a outras funções ou mesmo se as tem colocado em risco de extinção.

3. Procedimentos metodológicos

Lanço mão de duas amostras do português brasileiro para compará-las no que diz respeito às correlações entre as funções de sequenciação textual, sequenciação temporal e introdução de efeito e os conectores *e*, *aí* e *então*: (i) as ocorrências do final da primeira metade do século XX foram obtidas na tradução brasileira do romance regionalista norte-americano *The grapes of wrath*, escrito em 1939 por John Steinbeck e traduzido para o português sob o título *As vinhas da ira* em 1940; (ii) as ocorrências da fala de florianopolitanos nativos foram angariadas em 48 entrevistas pertencentes ao Banco de Dados VARSUL. Essas entrevistas foram coletadas ao longo da última década do século XX.

Merecem comentários as razões pelas quais optei pela comparação de resultados provenientes de amostras de dados tão díspares, uma de fala real de uma comunidade brasileira e outra de diálogos fictícios entre personagens em um texto escrito. A coleta de dados de *então* e especialmente de *aí* no papel de conectores em textos orais e escritos de épocas anteriores ao final da segunda metade do século XX é tarefa árdua, pois sua frequência de aparecimento é bastante baixa, ao contrário do que ocorre com *e*. Em busca de dados, revistei um total de quarenta textos – de vários autores e gêneros, publicados do século XIII ao século XX (cf. TAVARES, 2003a). Constatei que, em todos os recortes de tempo efetuados, *e* é sempre abundante e *então* é contraditório desde o século XIII, embora, à exceção de *As vinhas da ira*, com pouca frequência para a execução de uma

análise quantitativa. Já as ocorrências de *aí* somente começam a aparecer no início do século XX e, mesmo nesse período, são bastante escassas. Outros pesquisadores têm se defrontado com o mesmo problema. Por exemplo, Braga (2003, p. 07) aponta como “[...] dificuldade básica inerente aos estudos voltados para a trajetória de *aí* [...]: a inexistência de material diacrônico que fundamentasse a análise.” *As vinhas da ira* fornece, dessa guisa, o que pode ser considerado uma raridade: dados suficientes de *e*, *aí* e *então* provenientes de uma fatia de tempo não tão próxima da atual.

Afora ser o único texto que traz material para a análise, também motiva a seleção de *As vinhas da ira* para este estudo o fato de que os dados daí extraídos, embora provenientes de tentativas de imitação da oralidade na fala de personagens, e não da fala real de uma comunidade, podem ser tomados como refletindo usos reais da época em dialetos do extremo sul do Brasil. Em *The grapes of wrath*, os personagens falam de acordo com a “linguagem chã dos homens de sua condição” (STEINBECK, 1940, p. 10), integrantes de classes socio-economicamente desfavorecidas. Para manter o tom de oralidade e o destaque à presença de traços de língua não-padrão na fala dos personagens, a tradução para o português se valeu das marcas do dialeto das classes populares do estado do Rio Grande do Sul. Sobre a “audácia” dos tradutores Ernesto Vinhaes e Herbert Caro em inserir em sua tradução a linguagem popular do Rio Grande do Sul, Menon (2000, p. 149) aponta que “provavelmente, para terem reproduzido tão fielmente esse dialeto, eram eles mesmos utentes dessa variedade, pois em nenhum momento parece haver artificialismo nas falas das personagens.” Assim, interpretarei os resultados obtidos através da análise da fala das personagens de *As vinhas da ira* como pistas indicativas (as melhores a que tenho acesso) de correlações função-forma vigentes em 1940, no Rio Grande do Sul.

Cumprе salientar ainda que, embora os traços dialetais presentes em *As vinhas da ira* sejam de fala gaúcha, acredito ser possível tomá-los como representando um estágio anterior de língua em relação à fala florianopolitana mais recente, em virtude da proximidade geográfica dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Além disso, em um estudo anterior (TAVARES, 1999a), com o objetivo de destacar semelhanças e diferenças relativamente às restrições sociolingüísticas sobre o emprego de conectores em duas comunidades de fala brasileiras – Florianópolis e Rio de Janeiro, constatei que grupos de fatores sociais (*sexo, idade e escolaridade*) e lingüísticos (*tipo de discurso e traços semânticos do verbo*) condicionadores do uso de *e* e de *aí* em terras cariocas atuavam de modo semelhante sobre o uso dos mesmos conectores em terras florianopolitanas (com frequências e pesos relativos bastante próximos). Tal similaridade parece

evidenciar a existência de tendências gerais quanto à distribuição sociolingüística desses conectores no português brasileiro do final do século XX, independentemente da região considerada, hipótese que pode ser estendida para as comunidades de fala gaúcha e catarinense do final da primeira metade do século XX. Destarte, parto da suposição de que os usos dados a *e*, *aí* e *então* em 1940, no Rio Grande do Sul, assemelhava-se aos usos dados a esses conectores na mesma época, em Santa Catarina, o que permite a comparação das duas amostras de dados selecionadas para este estudo.

Como *As vinhas da ira* é um romance bastante extenso, com um total de 489 páginas e 24 capítulos na edição consultada (a primeira edição em português brasileiro, datada de 1940), recolhi dados dos trechos de fala das personagens apenas nas 197 páginas iniciais (da página 07 à 204), nos capítulos I, III, V, VII, IX, XII, XIV e XV. Deixei de lado também os capítulos intercalados (II, IV, VI, VIII, X, XI e XIII), em que o narrador tece considerações pertinentes à narrativa, destacando aspectos históricos, geográficos, sócio-econômicos, entre outros, sem dar voz às personagens.

Quanto aos dados de Florianópolis, como os conectores *e*, *aí* e *então* são bastante recorrentes na fala, considerei apenas os 30 minutos finais das 48 entrevistas, que têm cada uma cerca de 60 minutos de duração. Elas foram realizadas com informantes florianopolitanos nativos distribuídos em relação às variáveis sociais *sexo*, *idade* (em quatro faixas etárias: 09 a 11; 15 a 21; 25 a 45; mais de 50 anos) e *escolaridade* (em três níveis: 4^a ou 5^a séries do ensino fundamental; 8^a série do ensino fundamental; 3^o ano do ensino médio). Todas as entrevistas foram coletadas na última década do século XX e pertencem ao Banco de Dados VARSUL (Variação Lingüística Urbana da Região Sul).

Obtive, na amostra extraída de *As vinhas da ira*, um total de 734 ocorrências de *e*, *aí* e *então*, e, na amostra de Florianópolis, um total de 2.813 ocorrências desses conectores. Em 100% desses dados, os conectores introduzem a unidade que possuem por escopo, ocupando a posição de extrema margem esquerda, isto é, entre o final de uma oração ou parte maior do texto e o início de outra, indício de que estão altamente rotinizados nessa que é a posição sintática típica dos conectores.⁵

4. Sobre as funções

Como funções semântico-pragmáticas pertinentes ao domínio da articulação de partes do discurso, a seqüenciação textual, a seqüenciação temporal e a introdução de efeito são interpretadas pelo ouvinte a partir da soma de diversos indícios: o que foi dito antes, o que se seguiu, inferências e implicaturas em jogo no momento da interação. Também contam as experiências anteriores dos interlocutores, a sua familiaridade com a

⁵ Silva, Tarallo e Braga (1996), em um estudo utilizando amostras do NURC, também apontam que os conectores ocorrem preferencialmente à extrema esquerda dos enunciados: *e* e *aí* em 100% das ocorrências e *então* em 97,16%.

gama de tonalidades passíveis de colorirem as tramas coesivas alinhavadas entre partes do discurso. A seguir, as três funções são descritas e exemplificadas.

A seqüenciação textual é uma estratégia coesiva que assinala a ordem pela qual as unidades conectadas são apresentadas e desenvolvidas ao longo do tempo discursivo, salientando o encadeamento de uma porção anterior do discurso com uma posterior. Alguns exemplos:

- (4) E tratou de explicar: --- A estrada 'tá cheia de gente *e* todo o mundo quer água *e* suja a privada *e* rouba o que pode *e* não compra coisa nenhuma. (*As vinhas da ira*, p. 130)
- (5) Um moleque dos bons. Já faz uma semana que não vem em casa. [...] Eu era pior. Era muito pior, um demônio, que nem tu; - disse radiante. - *Então*, tinha um culto campestre em Sallisaw quando eu tinha a idade do Al, um pouco mais do que ele. Ele é um menino ainda, não entende de nada, mas eu era um pouco mais velho. Tinha umas quinhentas pessoas nesse culto e uma porção de crianças. (*As vinhas da ira*, p. 85)
- (6) Ela tinha de cento e sete a cento e quatorze, a tia Pequena. Ela tinha acabado de morrer. *Aí* ela morreu no sábado, às nove horas, e a mãe morreu às cinco horas de- cinco e vinte da manhã de domingo. Logo depois. (RO/FLP03)
- (7) E eu e a S., a gente se perdeu lá, porque a gente andava sempre juntas, né? *Então*, tem duas descidas e a gente não sabe qual a descida que é pra gente sair, e eles não dão informação, tu sabes? Os paraguaios, eles não dão pra gente- informação pra gente. (AT/FLP09)

A seqüenciação temporal emerge quando eventos são apresentados no discurso de acordo com a ordem em que ocorreram no tempo, envolvendo a pressuposição de que o segundo evento ocorreu mais tarde em relação ao primeiro:

- (8) Bem, agora o senhor pode ajudar. Preste atenção: eu vou bater, que é pra afrouxar um pouco êsse troço. *Aí* o senhor tira êsses parafusos em cima e eu tiro os parafusos de baixo. Cuidado com o mancal. (*As vinhas da ira*, p. 181)
- (9) O velho Tom Joad disse: "mergulha êle na água." *Então* eu peguei na sua cabeça *e* empurrei ela pra debaixo da água. (*As vinhas da ira*, p. 47)
- (10) Eu muitas vezes me abaixei ali defronte ao banquinho do freguês *e* ajudei ele a- a calçar o sapato. (AL/FLP22)

- (11) Botava o espetinho, assim, dentro do fogão à lenha, que na época não existia fogão a gás. Botava, assim, deixava assar aquela manta de carne seca. Então ela passava a mão, dividia aquele alguidar em- Lógico, ela não botava até em cima, botava até certa altura. (PE/FLP02)

Introdução de efeito é o rótulo por mim atribuído à adição, no discurso, de informações que representam conclusão ou consequência em relação ao que foi dito anteriormente. Tanto a cronologia temporal quanto a discursiva podem estar implicadas: a primeira, quando os casos de introdução de efeito envolvem a interligação de eventos que se sucedem temporalmente, sendo o primeiro a causa e o segundo sua consequência. No entanto, quando são conectados argumentos sem relação de implicação temporal, temos cronologia discursiva: ou um argumento-causa precede um argumento-consequência, ou, de um argumento anteriormente dado, deriva uma certa conclusão. Vejamos os exemplos:

- (12) O homem meteu-se a besta e e tive que dar nele. (*As vinhas da ira*, p. 283)
- (13) Tu voltou, Tommy. Então, tu pode ir com a gente. Tu pode vir! (*As vinhas da ira*, p. 74)
- (14) Porque uma vez ele- ele soltou as galinhas, foi tudo pra debaixo de um porão, ai foi o ovo tudo pro pau. (AZ/FLP04)
- (15) É como se tivesse sempre alguém vigiando a pessoa. Não tens liberdade. Então é melhor viver sem o vício, né? (DA/FLP17)

5. Correlações função-forma

As tabelas 1 e 2 apresentam, em forma de frequências e percentuais, as correlações entre *e*, *ai* e *então* e as funções de seqüenciação textual, seqüenciação temporal e introdução de efeito na primeira e na segunda metade do século XX:

FUNÇÕES	E		AÍ		ENTÃO	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
Seqüenciação textual	302/315	96	02/315	01	11/315	03
Seqüenciação temporal	223/268	83	24/268	09	21/268	08
Introdução de efeito	72/151	48	12/151	08	67/151	44
TOTAL	597/734	82	38/734	05	99/734	13

Tabela 1: Correlações função-forma no final da 1ª metade do século XX

No final da primeira metade do século XX, em *As vinhas da ira*, a seqüenciação textual é fortemente associada ao aparecimento de *e*, com frequência de 96%, quase caracterizando uso categórico. Trata-se, portanto, de uma correlação função-forma próxima de 100%. A seqüenciação temporal também se encon-

tra fortemente vinculada a *e*, em 83% das ocorrências, mas *aí* e *então* ocupam um pequeno espaço na expressão desta função (8 e 9%, respectivamente). Há, pois, alta correlação entre *e* e a seqüenciação textual e a seqüenciação temporal: o conector está, na fatia de tempo sob enfoque, altamente especializado para tais funções. Por outro lado, não é possível apontar a existência de uma forte correlação entre a introdução de efeito e apenas uma de suas formas codificadoras, pois as freqüências de uso de *e* e de *então* são similares: 48 e 44%, respectivamente.

FUNÇÕES	E		AÍ		ENTÃO	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
Seqüenciação textual	861/1420	60	279/1420	20	280/1420	20
Seqüenciação temporal	465/907	51	402/907	44	40/907	04
Introdução de efeito	131/486	27	147/486	30	208/486	43
TOTAL	1457/2813	52	828/2813	29	528/2813	19

Tabela 2: Correlações função-forma no final da 2ª metade do século XX

No final da segunda metade do século XX, em Florianópolis, o aparecimento de *e* ainda está bastante correlacionado à seqüenciação textual (60%), mas não de modo quase categórico como em *As vinhas da ira*. Nesse papel, houve uma elevação no aparecimento de *aí* e de *então* (ambos com 20%). Quanto à seqüenciação temporal, *e* e *aí* possuem freqüências próximas (51 e 44%, respectivamente), o que impossibilita considerar que haja uma maior especialização de um deles para a referida função. Neste caso, portanto, *e* e *aí* correlacionam-se fortemente a uma mesma função. É possível observar ainda que *então* perdeu espaço na indicação da seqüenciação temporal, de 8% em *As vinhas da ira* para 4% em Florianópolis.

Finalmente, no que diz respeito à introdução de efeito, *e* teve seu uso diminuído de 48 para 27% e *aí* teve seu uso aumentado de 8 para 30%. Já *então* não apresenta alteração em termos de freqüência entre as duas metades do século XX: passa de 44% na primeira a 43% na segunda. Ou seja, todos os conectores são utilizados com boa freqüência como marcas da introdução de efeito: *e* detém 27% dos casos, *aí* 29% e *então* 43%. Há, portanto, três formas correlacionadas à mesma função, embora em diferentes graus: *então* é o conector de maior recorrência e *e* é o de menor, em contraste com o que ocorria na primeira metade do século XX, em que este último era o conector mais utilizado na indicação da introdução de efeito.

Consideremos tais resultados à luz das duas possibilidades de especialização descritas na seção 2, *generalização* e *especificação*. As especializações quase categóricas de *e* para a seqüenciação textual e para a seqüenciação temporal no final da primeira metade do século XX apontam para o fenômeno de *especialização por generalização*: no domínio da articulação entre partes do discurso

de 1940 representado em *As vinhas da ira*, e reina quase absoluto (com a frequência geral de 82%), cedendo pouco espaço para *aí* e *então* (que contam juntos com 18% do total de dados). Se *e* tivesse tido, posteriormente, seu uso ampliado ainda mais, poderia ter substituído de vez seus concorrentes, configurando-se assim um caso de especialização similar ao de *et* no latim, que desbancou *at/atque* e *-que* (cf. seção 2).

Contudo, os resultados obtidos para as correlações função-forma no final da segunda metade do século XX em Florianópolis revelam especializações bem menos categóricas, o que parece eliminar a hipótese de que uma das formas venha a predominar sobre as demais na codificação de todas as três funções. Por conseguinte, atualmente, a possibilidade de especialização por generalização é remota.

E continua se destacando na indicação da seqüenciação textual, mas *aí* e *então* tiveram um bom aumento de uso nessa função. Quanto à seqüenciação temporal, a taxa de emprego de *e* e *aí* é similar, e, na indicação da introdução de efeito, os três conectores recorrem com boa frequência. Talvez um dos desdobramentos futuros dessas correlações seja a especialização por especificação, caso em que cada conector se tornaria especializado para uma função distinta no plano da articulação do discurso. Entretanto, com base nos resultados obtidos, é prematuro afirmar que *e*, *aí* e *então* poderão passar a predominar em papéis distintos. Para cada função, no português brasileiro contemporâneo, há mais de uma forma fortemente correlacionada, situação que contrasta com a que ocorre, por exemplo, no caso dos pronomes possessivos *seu/sua* e *dele/dela* na oralidade (cf. seção 2).

É interessante observar ainda que a frequência geral de *e*, considerando a totalidade dos dados, diminuiu de 82% em *As vinhas da ira* para 52% em Florianópolis, a de *aí* sofreu uma elevação de 05 para 29% e a de *então* de 13 para 19%. Em um estudo anterior (TAVARES, 2003b), comparei amostras de fala recentes do português brasileiro e do português europeu, datadas do final do século XX, e encontrei uma alta taxa de aparecimento de *e* no português europeu: ele foi responsável por 82% das ocorrências, somando-se os casos de seqüenciação textual, seqüenciação temporal e introdução de efeito. Parece, portanto, que, em relação à utilização de *e*, os resultados referentes ao português brasileiro na primeira metade do século XX em *As vinhas da ira* estão próximos daqueles encontrados para o português europeu na segunda metade do século XX: em ambas *e* é responsável por 82% dos dados.⁶

No caso do português brasileiro, houve ampliação da utilização de *aí* e de *então* e retração da utilização de *e*, o que distanciou os domínios da seqüenciação do final da primeira metade e do final da segunda metade do século XX, bem como

⁶ No português europeu do final do século XX, destacam-se também os conectores *portanto* (16%) e *então* (2%). A distribuição por função é a seguinte: (i) seqüenciação textual: *e* = 88%, *portanto* = 10%, *então* = 2%; (ii) seqüenciação temporal: *e* = 98%, *portanto* = 1%, *então* = 1%; (iii) introdução de efeito: *e* = 43%, *portanto* = 51%, *então* = 6%. Maiores informações podem ser conferidas em TAVARES (2003b). No português brasileiro, encontrei apenas um dado de *portanto* na amostra de Florianópolis, e nenhum na fala dos personagens de *As Vinhas da ira*.

os domínios brasileiro e europeu da atualidade. Na Florianópolis do final do século XX, as frequências revelam correlações função-forma que estão longe das opções quase categóricas pelo *e* encontradas em *As vinhas da ira*.

6. À guisa de conclusão

A análise da distribuição dos conectores *e*, *aí* e *então* nas funções de seqüenciação textual, seqüenciação temporal e introdução de efeito trouxe evidências a respeito das correlações função-forma que se conservaram enraizadas ao longo do século XX e das que sofreram mudança. Conquanto *e*, *aí* e *então* intercalem-se na sinalização das funções sob enfoque tanto na primeira como na segunda metade do século, os padrões de ocorrência de cada conector como marca formal de cada função parecem ter sido bastante alterados.

Na primeira metade do século XX, *e* é a forma codificadora preferencial da seqüenciação textual e da seqüenciação temporal, além de também se destacar na introdução de efeito, ao lado de *então*. Contudo, na segunda metade do século, *e* partilha boa parte da tarefa de indicação da seqüenciação textual e da introdução de efeito com *aí* e *então* e da seqüenciação temporal com *aí*. O aumento da taxa geral de uso de *então* (de 13 para 19%) e em especial de *aí* (de 5 para 29%) teve como contraparte, em efeito dominó, a diminuição de uso de *e* em todas as funções, embora ele ainda seja o conector predominante na seqüenciação textual e na seqüenciação temporal.

A grande elevação da frequência de aparecimento de *aí*, forma relativamente recente no domínio da articulação discursiva, pode ser tomada como evidência de que houve avanços em sua gramaticalização ao longo do século XX na direção de uma maior consolidação como conector sinalizador de três funções semântico-pragmáticas vinculadas ao domínio, inclusive a seqüenciação textual, à qual, na primeira metade do século, era pouco correlacionado (1%).

As correlações função-forma mais estáveis ao longo do século XX foram as de *então*, que, apesar de ter aumentada sua recorrência na expressão da seqüenciação textual (de 3 para 20%), teve pequena variação na expressão da seqüenciação temporal e manteve o mesmo patamar de vínculo com a introdução de efeito.

Este estudo, portanto, revelou relações dinâmicas e fluidas entre funções e formas ao longo do século XX, servindo para diagnosticar possíveis rumos a serem tomados pelo domínio de articulação de partes do discurso no português falado e do processo de gramaticalização de cada conector em particular: embora os resultados referentes à primeira metade do século XX apontassem para o fenômeno de especialização por generalização dado o forte predomínio de *e* na expressão de todas as

funções, os resultados referentes à segunda metade do século descartam essa possibilidade, pois, para cada função, há mais de uma forma fortemente correlacionada. Contudo, se ocorrerá especialização por especificação, somente os desenvolvimentos futuros do domínio da articulação poderão indicar.

Abstract

As an outcome of grammaticalization processes, connectors e, aí and então have overlapped functions in Brazilian Portuguese. From the theoretical support provided by functional linguistics, this paper focuses on the patterns of correlation between e, aí and então and three of these functions: textual sequencing, temporal sequencing and effect introduction. The data come from the following sources: (i) The grapes of wrath, an novel written by John Steinbeck in 1939, which 1940 Brazilian translation brings markers of the dialect used in the thirties by working classes in the southeast state of the country, Rio Grande do Sul; (ii) 48 interviews from the VARSUL Data Base, which were collected during the last decade of the XX century. The results, obtained through quantitative analysis, show that e, aí and então are used to code textual sequencing, temporal sequencing and effect introduction both in the first and second half of the XX century. However, the results also bring to light evidence that the patterns of function-form correlations have changed: in the thirties, aí and então are much less used to code some of these functions than they are in the nineties.

Keywords: function-form correlations; connectors; grammaticalization

Referências

BARRETO, Therezinha M. M. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

BRAGA, Maria Luiza. E aí se passaram 19 anos. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia L. (Org.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa: FAPERJ, 2003, p.159-174.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: USP, 1979.

FORD, Cecilia E.; FOX, Barbara A.; THOMPSON, Sandra A. Social interaction and grammar. In: TOMASELLO, Michael

- (Ed.). *The new psychology of language*. v. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003. p. 119-143.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1984.
- HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-35.
- _____. *Emergent grammar*. BLS, v. 3, 1987, p. 139-157.
- _____. ; TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo T. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.
- MENON, Odete P. da S. Pronome de segunda pessoa no sul do Brasil: tu/você/o senhor em Vinhas da ira. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 121-164, 2000.
- SILVA, Giselle Machline de O. Estertores da forma *seu* de terceira pessoa na língua oral. In: SILVA, Giselle Machline de O.; SCHERRE, Maria Marta P. (Org.). *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 169-181.
- SILVA, Giselle Machline de O.; TARALLO, Fernando; BRAGA, Maria Luiza. Preenchimento discursivo em fronteiras sintáticas. In: CASTILHO, Ataliba T.; BASÍLIO, Margarida (Org.). *Gramática do português falado*. v. IV. Campinas, SP: UNICAMP: FAPESP, 1996, p. 193-217.
- STEINBECK, John. *As vinhas da ira*. Porto Alegre: Globo, 1940.
- TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Tese (Doutorado)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003a.
- _____. Condicionamentos lingüísticos e sociais sobre a seqüenciação de informações no português oral d'aquém e d'além mar. *Signun*, Londrina, v. 6, n. 2, p. 219-251, 2003b.
- _____. Conectores seqüenciadores na fala natalense: algumas sugestões para o ensino de gramática. *Odisséia*, Natal, 2006. No prelo.
- _____. *Seqüenciação de informações: condicionamentos lingüísticos e sociais em duas regiões do Brasil*. 1999a. Impresso.
- _____. *Um estudo variacionista de aí, daí, então e e como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999b.
- THOMPSON, Sandra A.; COUPER-KUHLEN, Elizabeth. The clause as a locus of grammar and interaction. *Discourse Studies*, [S.l.], v. 7, n. 4-5, p. 481-506, 2005.